

LUTA FEMINISTA DE ELZA SOARES: DENÚNCIAS EM MARIA DA VILA MATILDE

Maria Karolyne Reis Santana⁸⁹

Raiane de Jesus Santos⁹⁰

Resumo: A luta feminista no contexto geral tem evidenciado resultados significativos na quebra de paradigmas patriarcais subjacentes ou não desde seu surgimento na década de 1960, permitindo que novas formas de expressões sejam visualizadas e consideradas. O movimento feminista é um ato político e social com objetivo de desconstruir conceitos e pensamentos patriarcais que construíram a sociedade e permeiam até o presente momento, é, também, um ato de ressignificação de como a mulher sempre foi vista perante a sociedade, bem como o ato de desmistificar a submissão que as mulheres sempre estiveram imersas. Sendo um dos grandes nomes da Música Popular Brasileira, Elza Soares ganhou notoriedade nos âmbitos nacional e internacional, contudo, o que poucos sabem é que a mulher do fim do mundo já foi vítima de diversas violências, sendo marcada sobretudo, pela violência doméstica. Nesse sentido, a presente proposta orbita em torno de abordagens focais dentro de dimensões sociais como a luta feminista de mulheres negras atrelada ao universo artístico, bem como fornecer um aporte teórico juntamente com narrativas vivenciadas dentro de perspectivas práticas no cotidiano das mulheres, especificamente as vivências de mulheres negras. Segue sendo objetivo, também, demonstrar a partir do universo artístico de Elza Soares, a importância de denunciar as diversas formas de violência em que mulheres estão sujeitas constantemente.

Palavras-chave: Feminismo; Luta feminista; Sexismo; Elza Soares.

Abstract: The feminist struggle in the general context has evidenced significant results in the break of underlying patriarchal paradigms or not since its emergence in the 1960s, allowing new forms of expressions to be visualized and considered. The feminist movement is a political and social act with the objective of deconstruct patriarchal concepts and thoughts that built the society and permeate until the present moment, it is also an act of ressignification of how woman

⁸⁹ Estudante de Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Licenciada em Letras Inglês pela Faculdade Estácio de Sá – FASE. E-mail: maria.karolyne1@gmail.com.

⁹⁰ Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestranda em Sociologia na mesma instituição. E-mail: raianexdjs@gmail.com

always been seen before society, as well as the act of demystify the submission that women always were immersed in. Being one of the big names of Brazilian Popular Music, Elza Soares acquired notoriety in the national and international spaces, however, few people know is that the woman of the end of the world was been the victim of various violence, being marked especially by domestic violence. In this sense, the present proposal revolves around focal approaches within social dimensions such as the feminist struggle of black women linked to the artistic universe, as well as provide a theoretical contribution along with narratives experienced within practical perspectives in women's daily lives, specifically the experiences of black women. It is also objective of demonstrate from the artistic universe of Elza Soares the importance of denounce the various forms of violence in which women are constantly subjected.

Keywords: Feminism; Feminist struggle; Sexism; Elza Soares.

Introdução

O presente trabalho é resultado do minicurso nomeado como Luta Feminista de Elza Soares: Denúncias em Maria da Vila Matilde, este que foi ministrado durante três dias no evento Perspectivas do Fim do Mundo, desenvolvido pelo GEFIL – UFS, tendo ocorrido exatamente na mesma semana da Consciência Negra. Desse modo, o evento seguiu um panorama de abordagens transversais e multidisciplinares onde evidenciou a pluralidade existente no contexto histórico e social do universo artístico como ferramenta potente de resistência. A abordagem central do referido minicurso esteve alinhada a discussões históricas do movimento feminista, perpassando a pluralidade de pensamentos e ideologias existentes dentro do movimento, chegando à aspectos interseccionais.

A luta feminista no contexto geral tem evidenciado resultados significativos na quebra de paradigmas patriarcais subjacentes ou não desde seu surgimento na década de 1960, permitindo que novas formas de expressões sejam visualizadas e consideradas. O movimento feminista é um ato político e social com objetivo de desconstruir conceitos e pensamentos patriarcais que construíram a sociedade e permeiam até o presente momento, é, também, um ato de ressignificação de como a mulher sempre foi vista perante a sociedade, bem como o ato de desmistificar a submissão que as mulheres sempre estiveram imersas. Contudo, faz-se necessário discussões sólidas sobre as perspectivas feministas no âmago das intersecções, ou

seja, perceber que a luta feminista surge como objetivo primordial de igualdade por direitos civis, e, posteriormente especificidades se desdobram em torno de categorias como raça e classe.

Nesse sentido a presente proposta orbita em torno de abordagens focais dentro de dimensões sociais como a luta feminista de mulheres negras, atrelada ao universo artístico, bem como fornecer um aporte teórico juntamente com narrativas vivenciadas dentro de perspectivas práticas no cotidiano das mulheres, especificamente as vivências de mulheres negras. Segue sendo objetivo, também, demonstrar a partir do universo artístico de Elza Soares, a importância de denunciar as diversas formas de violência que mulheres estão sujeitas constantemente, e, como as políticas de proteção à mulher precisam com urgência engendrar novos formatos e modos de atuação.

Elza Soares: quem é a mulher do fim do mundo?

Sendo um dos grandes nomes da Música Popular Brasileira, Elza Soares ganhou notoriedade nos âmbitos nacional e internacional. Contudo, o que poucos sabem é que a mulher do fim do mundo já foi vítima de diversas violências, sendo marcada sobretudo, pela violência doméstica. É possível afirmar que essa fase na vida da artista a levou a ser a militante feminista que é. Dito isto, podemos afirmar que a partir dessa péssima experiência Elza conseguiu ressignificar-se e tornar-se um símbolo de resistência feminista. Um dos principais objetivos do minicurso foi analisar uma de suas canções que constrói uma evidente luta contra o machismo.

Em uma de suas composições, Elza explicita sua denúncia à violência contra a mulher, trata-se da música *Maria da Vila Matilde*, a qual possibilita compreender que a arte atravessa a vida e escancara vivências que passam despercebidas ou, ainda, que estão sujeitas ao silenciamento. “Cadê meu celular? Eu vou ligar prum oito zero, vou entregar teu nome e explicar meu endereço” nesta passagem, verifica-se que a mulher que vos fala conhece os seus direitos e deveres perante a sociedade, além disso, reconhece que há uma lei que a protege, ou seja, essa mulher já não é totalmente submissa, e sim determinada a salvar sua vida diante de uma agressão, denunciando o seu companheiro. Ainda analisando a música: “Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço e joga água fervendo se você se aventurar” já nessa passagem, podemos perceber que a mulher que vos fala, se recusa a permanecer no processo de

silenciamento por medo, ao contrário, aqui ela já possui formas de defesa contra qualquer possível agressão ou aproximação do agressor.

Elza Soares nasceu em 1930, no subúrbio do Rio de Janeiro, onde atualmente está situada a Vila Vintém.⁹¹ Filha de um operário e uma lavadeira, desde cedo esteve inserida em subempregos com o objetivo de ajudar os pais com necessidades financeiras. A cantora teve sua trajetória musical iniciada desde cedo, cantando com seu pai, Avelino Gomes, o qual costumava tocar violão como forma de lazer. Elza costumava sair com sua mãe, Rosária Maria da Conceição, para lavar roupas no rio, no trajeto que faziam, Elza chamava atenção com seu timbre rouco ao cantar canções de época.

Desde muito cedo Elza vivenciou o reflexo do machismo. Aos 12 anos foi obrigada pelo pai a se casar, o motivo considerado plausível diz respeito ao fato de Elza ter sido vista com um rapaz próximo ao rio. Elza experienciou de modo precoce e compulsório a maternidade aos 13 anos de idade, com apenas 15 anos já era mãe de duas crianças, aos 21 ficou viúva, posteriormente começando um novo relacionamento.

Em 1953, Elza deu um passo para a carreira artística de modo profissional, fazendo seu primeiro teste na rádio Tupi, no programa de calouros Ary Barroso. O talento de Elza foi inicialmente subjugado por questões estéticas e raciais. A cantora, ao conceder a entrevista à Ary Barroso, foi questionada de qual planeta ela vinha, e Elza respondeu que vinha do planeta fome. Daí, surgiu então a inspiração para os relatos e denúncias em forma de canção no álbum *Planeta Fome*, lançado em 2019. Após sua estreia na rádio, Elza teve sua carreira impulsionada, sendo contratada para trabalhar na rádio Vera Cruz. Em 1960, a cantora atuou no Festival Nacional de Bossa Nova.

Ganhando notoriedade também no âmbito internacional, Elza representou o Brasil na Copa do Mundo no Chile, exatamente numa época centrada em sua carreira em termos de reconhecimento. Nesse período, Elza acabou conhecendo um dos grandes nomes do futebol, Garrincha, que viria a ser seu parceiro por muitos anos. Inicialmente Elza se relacionou com Garrincha de modo ‘clandestino’, ou seja, não era uma relação assumida porque o jogador era casado. Diversas críticas foram feitas a Elza, afirmando que a mesma seria o pivô da posterior separação do jogador com sua esposa. Mais tarde, Garrincha casou-se com Elza e mantiveram a relação por aproximadamente 17 anos.

⁹¹ Biografia de Elza Soares disponível em: https://www.ebiografia.com/elza_soares/. Acesso em: 22/02/2021

O que talvez poucos sabem é que a relação do jogador com Elza sustentou-se por muito tempo, contudo, houveram fases conturbadas em que Garrincha tornou-se alcoólatra após se aposentar e se afastar dos campos. Elza foi vítima de violência doméstica, e numa certa ocasião chegou a ter seus dentes quebrados, ainda assim, hesitou em denunciar seu companheiro-agressor. A partir dessa terrível experiência, Elza transformou suas canções em ferramentas de luta contra diversos tipos de opressão, afirmando que esta canção abriu portas para a libertação de muitas mulheres que sofreram diversos tipos de violência.

E como estamos falando de uma mulher preta que lutou contra vários tipos de opressões, especificamente em épocas conturbadas histórica e socialmente, é de grande relevância falarmos sobre algumas teóricas pretas que desenvolveram e desenvolvem teorias feministas no Brasil e no mundo. Elza Soares além de ser uma grande mulher preta reconhecida no mundo artístico, é também uma grande militante feminista, prova disso está nas composições da artista, buscando alertar a sociedade não somente dentro do contexto feminista, mas, também, contra todo tipo de opressão e intolerância.

Feminismo: que conceito é esse?

O modo de vida submisso e subordinado das mulheres é um episódio universal e milenar em nossa sociedade. De fato, podemos afirmar que é uma das primeiras formas de opressão na história da humanidade. Em contrapartida, durante muitos anos de opressão e submissão, em meio ao surgimento da modernidade, se constrói uma consciência crítica feminista com o intuito de acabar com o patriarcado e construir novas políticas que buscam dignidade e igualdade de gênero. Desse modo, Costa e Sardenberg explanam:

O feminismo, como doutrina que preconiza a igualdade entre os sexos e a redefinição do papel da mulher na sociedade, é certamente a expressão máxima de consciência crítica feminina. Uma consciência que será forjada, inicialmente, na Europa setecentista, particularmente na França e na Inglaterra, em meio às grandes transformações que então se operam, como consequência do estabelecimento de um novo sistema econômico: o capitalismo. Por um lado, suas raízes se atrelam aos ideais liberais de igualdade, trazidas pela revolução democrática burguesa, que teve seu auge na Revolução Francesa de 1789. (2008, p. 24)

Sendo assim, foram baseados aos conceitos da revolução francesa “*égalité, liberté, fraternité*”, que surgem com o objetivo de reivindicar direitos e deveres dentro da sociedade, ou pelo menos para uma parcela dela, ou, talvez, somente para as classes dominantes se “estabelece a “Declaração dos Direitos do Homem”, já no título, só entre os homens. Para as mulheres, permanece a “*Ménagier de Paris*” (1498)”.(COSTA, SARDENBERG, 2008, p. 24)

Com uma tradução pejorativa, o termo “dona de casa” atribuído ao tratado *Ménagier de Paris* conduzia e elaborava a moralidade e economia doméstica, gerando uma obrigatoriedade universalista de como as mulheres deveriam se portar e adequar-se dentro de casa e na sociedade. Com isso, para as mulheres desse período e que compunha a classe dominante, somentetinham direitos de partilhar da fraternidade e igualdade entre si, o direito à liberdadesomente era destinado aos afazeres domésticos, inclusive sem direito ao voto ou liberdade em sociedade.

Com o crescimento do capitalismo e avanços tecnológicos ascende ainda mais as produções em fábricas, o homem é requisitado para vender sua mão de obra e as mulheres também acabam sendo incluídas neste espaço. Entretanto, como a imagem da mulher esteve sempre voltada para submissão e inferiorização em relação ao homem, principalmente com o físico e a capacidade mental, essa imagem é levada como requisito para avaliação e forma de empregar as mulheres dentro do sistema econômico, possuindo como base e objetivo principal a mão de obra barata e exploratória. Costa e Sardenberg (2008) destacam a importância de avaliar a inserção feminina no mercado de trabalho sob a ótica oportunista da burguesia, desse modo:

A condição de inferioridade à qual a mulher já vinha submetida, será importante objeto de interesse da burguesia, ávida em acumular riqueza. Sua passividade e submissão dentro do mundo doméstico, desenvolvida durante uma longa história de subordinação, serão utilizadas para impor-lhe o pagamento de salários inferiores aos do homem e jornadas do trabalho excessivas e insalubres, favorecendo assim a extração de uma mais-valia absoluta ainda maior. Oprimidas, exploradas, às mulheres será longamente negado o direito à sindicalização, o acesso à proteção das leis trabalhistas que garantiam o salário, o limite da jornada e as mesmas condições de trabalho dos homens, além do direito à cidadania. (2008, p. 25)

A imersão da mulher ao mercado de trabalho e o rompimento do isolamento em trabalho doméstico se consolida como o ponto crucial para iniciar um movimento feminista. A partir do momento que as mulheres se veem no mesmo espaço de trabalho que os homens e se dão conta dessa inferiorização salarial e das explorações e opressões que estavam sendo submetidas, origina-se o feminismo. Isto posto, em meados do século XVIII e XIX, no auge da Revolução Industrial (1760 - 1840) a luta das mulheres toma espaço em diversos países europeus e nos Estados Unidos.

As pautas que surgem dentro do movimento feminista se consolidam a partir da luta por igualdade e libertação da mulher dentro de uma sociedade majoritariamente patriarcal, os objetivos a serem alcançados são voltados para a constituição de direitos e deveres da mulher

dentro da sociedade. Além das lutas por visibilidade das mulheres em busca do direito de ocupar espaços socioeconômicos e ganhar voz dentro do sistema social e político que rege a sociedade.

Com efeito, podemos afirmar que o feminismo é um ato político e social com objetivo de desconstruir conceitos e pensamentos patriarcais estruturalmente contidos na sociedade, se tornando um ato para ressignificar a imagem que sempre foi imposta às mulheres, com a tentativa constante de acabar com a submissão que as mulheres sempre estiveram imersas. O feminismo toma corpo durante a Revolução Francesa (1789 - 1799) com a ascensão do sistema capitalista, através de uma das primeiras manifestações, “em uma grande concentração em Versalhes exigem que a Assembleia Constituinte estabeleça a igualdade de direitos entre os sexos, a liberdade de trabalho.” (COSTA & SANDENBERG, 2008, p. 26)

Ainda no momento instaurado pela Revolução Francesa, onde as mulheres deveriam se portar como submissas, surge então algumas pensadoras contrárias a essa política de opressão contra as mulheres, disseminando assim o pensamento crítico feminista. Entre essas pensadoras, surge Olympe de Gouges⁹², escritora de grande importância para o início do pensamento feminista, escrevendo em 1791 “A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, Gouges retrata como alguns manifestos eram interpelados na época:

Mulher, acorda! A força da razão faz-se ouvir em todo o universo: reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza já não está limitado por preconceitos, superstição e mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da parvoíce da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças, precisou recorrer às tuas (forças) para romper seus grilhões. Tornando livre, ele fez-se injusto em relação à sua companheira. Mulheres! Mulheres, quando deixareis de ser cegas? Quais são as vantagens que obtivestes na Revolução? Um menosprezo mais marcado, um desdém mais perceptível. (2007, p.4)

Embora definir o feminismo seja uma tarefa difícil de se construir uma definição clara e objetiva, a autora Bell Hooks descreve o movimento feminista como “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão.” (HOOKS, 2019, p. 13). Dito isto, se faz necessário verificarmos os conceitos aqui citados. O sexismo é um conceito utilizado para descrever o modelo padrão de uma determinada sociedade, ou seja, a forma sexista em que os indivíduos [homens e mulheres] estão inseridos desde a sua socialização. O sexismo é uma

⁹² Marie Gouze, foi um ativista e defensora dos direitos das mulheres, nascida em 1748 e morta em guilhotina em 1793. Foi condenada por ter sido considerada opositora as ideias dos líderes da Revolução Francesa, eles a consideravam como uma mulher desnaturada e perigosa demais. Ao ser levada a guilhotina ela declamou o artigo dez da sua Declaração: “A mulher tem o direito de subir ao cadafalso; ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna” (GOUGES, 2007, p.1).

cultura, essa que se instalou desde que o primeiro homem se impôs como superior ao sexo oposto e continuou reproduzindo tal condição, passando de geração em geração.

O sexismo oprime e explora o sexo feminino em diversas formas, sejam elas em exploração doméstica ou intelectual, uma sociedade com o pensamento sexista não consegue ver no outro a mesma capacidade, tampouco determinada superioridade. Logo, o movimento feminista é o oposto dessa cultura sexista e surge com o objetivo de acabar com a mesma. Bell Hooks defende que uma revolução feminista seria o ideal para construir uma sociedade livre, autorrealizada e justa, para ela, ser feminista não é ter dominação sobre os outros, e sim ter igualdade. Além disso, o feminismo é uma construção, uma vez que a grande maioria da sociedade nasce sob ensinamentos sexistas e opressores.

Ao construirmos uma análise sobre o feminismo, faz-se necessário, também, pensarmos esse movimento no Brasil e ele se consolidou. O feminismo constituiu-se através da luta pelos direitos das mulheres, não somente, mas também a partir da luta pela libertação dos escravos, ou melhor a luta feminista brasileira abarca a luta por igualdades das minorias. Nísia Floresta foi uma das primeiras teóricas a discutir sobre o feminismo e também uma das únicas mulheres com direito a voz em sua época, a chamada primeira onda do feminismo, assim, como “consequência dessa primeira onda do feminismo, muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão, até então, eminentemente masculina;” (BONNICI & ZOLIN, 2009, p. 5)⁹³. Segundo a autora, essas mulheres que começaram a trabalhar como escritoras, utilizavam pseudônimos masculinos para obterem sucesso em seus textos, pois, nessa época ainda eram marginalizadas pelo exercício das profissões supracitadas.

No Brasil, os textos de Maria Firmina dos Reis foi uma das obras que denunciavam as opressões e rompiam com o silenciamento das vozes de várias mulheres da época. Em um dos artigos escritos por Sueli Carneiro (2003), ela descreve que o feminismo no Brasil é um dos melhores movimentos sociais no país devido as suas conquistas.

É também um dos movimentos com melhor performance dentre os movimentos sociais do país. Fato que ilustra a potência deste movimento foram os encaminhamentos da constituição de 1988, que contemplou cerca de 80% das suas propostas, o que mudou radicalmente o *status* jurídico das mulheres no Brasil. A Constituição de 1988, entre outros feitos, destituiu o pátrio poder. Esse movimento destaca-se, ainda, pelas decisivas contribuições no processo de democratização do Estado produzindo, inclusive, inovações importantes no campo das políticas públicas.

⁹³ A numeração pode não ser igual a obra original, pois trata-se da numeração encontrada no pdf, podendo ser acessado em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cantarin/fundamentos-e-critica-da-literatura/seminarios-i/Critica%20Feminista.pdf/at_download/file

[...] a criação dos Conselhos da Condição Feminina – órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres. A luta contra a violência doméstica e sexual estabeleceu uma mudança de paradigma em relação às questões de *público e privado*. (2003, p. 117)

A imersão da violência doméstica como uma agressão está para além do privado, acaba por gerar um impulsionamento para que as políticas públicas construam medidas de proteção às mulheres, como a criação de delegacias e atendimentos especializados no combate à violência. Dito isto, podemos afirmar que o feminismo no Brasil e as questões raciais andam juntas, como Bell Hooks nos lembra, a sororidade é o que dá solidez ao feminismo e ela só será possível se a luta for antirracista.

O feminismo negro e a realidade social

O feminismo negro surge no final da década de 1970, sobretudo visando a necessidade de equidade diante dos direitos básicos. Se por um lado o movimento negro tinha uma face sexista, onde as relações de gênero operavam como repressoras da autonomia feminina, por outro lado o movimento feminista possuía uma face racista, privilegiando pautas que beneficiavam somente o grupo de mulheres majoritariamente brancas. O movimento feminista surge na França com o movimento sufragista, o qual buscava inicialmente a obtenção de igualdade com relação aos homens diante perante os direitos civis.

O feminismo negro é um movimento social e político protagonizado por mulheres negras cujo objetivo principal é promover visibilidade às pautas que buscam reivindicar direitos que por muito tempo foram silenciados e aniquilados. Sueli Carneiro (2003) afirma que as condições que construíram a objetificação da população negra em geral e da mulher negra em específico, são conhecidas por seu histórico perverso.

Desconsiderando que cada grupo de mulheres carregavam urgências específicas, as mulheres negras começaram a se posicionar com a tentativa de representação pelos movimentos sociais não hegemônicos. A perspectiva de luta dentro do movimento feminista em geral, era distinta sobretudo por um viés: enquanto as mulheres brancas estavam lutando pela Liberdade de exercer o direito ao voto, mulheres negras sentiam necessidades urgentes, pois carregavam o peso do reflexo da escravidão.

No artigo “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, Sueli aponta inicialmente a importância de discutir o feminismo a partir da violação colonial pelos senhores brancos com relação às mulheres negras

e indígenas. O processo de miscigenação construiu a identidade nacional, possibilitando que a visão da democracia racial seja visualizada sob uma ótica existente e verdadeira.

A violência sexual durante a colonização, na medida em que era naturalizada, posteriormente continuou acontecendo de forma institucionalizada, através da tentativa de branqueamento da população com a chegada dos europeus imigrantes. Sueli afirma que a violência sexual colonial, é uma base estrutural para o processo de hierarquização entre gênero e raça, ficando nítido, portanto, que “o papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em romance.” (GILLIAM apud CARNEIRO, 2003, p. 1)

Quando Bell Hooks fala sobre a sororidade ser uma das ferramentas para se compreender a condição perversa gerada pela opressão perante as mulheres, é, também, sobre o reflexo da escravidão, onde as mulheres negras protagonizaram uma experiência diferenciada. Desse modo, Sueli afirma:

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (2003, p.1)

Pensar o mito da democracia racial é fundamental para que se pense o fator racial em meio à outras questões sociais estruturantes. A autora traz também o debate sobre a fragilidade feminina e como este aspecto é visto pela sociedade hegemônica. Pensar a fragilidade feminina como algo que torna a mulher dependente de proteções paternalistas nos leva ao questionamento: de quais mulheres estamos falando? Sueli responde este questionamento apontando demandas enfrentadas pelas mulheres negras ao afirmar:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (2003, p. 1-2)

É importante compreender e acolher as demandas específicas que grupos de mulheres demandam, a exemplo, mulheres negras, indígenas, LGBTQI+ e demais grupos, pois, são minorias que precisam da atuação de políticas específicas, e como estamos falando de um

movimento social e político de grande importância nas esferas internacional e nacional, é prudente e necessário que a pluralidade das várias vozes, sejam ouvidas. Em conformidade com Sueli Carneiro (2003b), observar processos de luta por óticas plurais, faz com que algumas práticas ampliem a percepção e o protagonismo do feminismo no Brasil. A importância de salvaguardar as especificidades ocorre porque “isso é o que determina o fato de o combate ao racismo ser uma prioridade política para as mulheres negras, assertiva já enfatizada por Lélia Gonzalez, “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial”” (CARNEIRO, 2003b, p. 119) .

A cultura do machismo: maternagem e paternagem como meios de propagação

A cultura do machismo é propagada dentro da nossa sociedade de uma forma estrutural, sendo assim, ao analisarmos o meio artístico conseguimos extrair conceitos que fazem parte dessa problemática. Ao analisarmos a música “Maria de Vila Matilde” da Elza Soares, é possível extrair diversos conceitos que se conectam e somam para uma discussão consistente. No trecho a seguir, Elza destaca: "E quando tua mãe ligar, eu capricho no esculacho, digo que é mimado que é cheio de dengo mal acostumado", enfatizando a figura da mãe do seu agressor, como alguém que pode perdoar e o aceitar de volta em seu meio social, pois, aparentemente não houve tentativa de quebrar essa estrutura que foi passada para outras gerações. Diante desse trecho, ressaltamos a questão da maternagem e o machismo apresentados por Bell Hooks. Em sua obra, ela ressalta que a construção de um sujeito machista é problema e culpa da criação por mães com pensamentos sexistas predominantes. O problema do sexismo é uma questão cultural, passada de geração em geração, sendo assim, o modo como a criança está inserida no meio social é essencial e de suma importância que esteja seguida por um modelo contrário a esse sexismo estrutural.

Concomitantemente, antes de analisarmos a música, é possível percebermos a denúncia de uma mulher que está passando por uma violência doméstica. Sendo assim, podemos construir uma relação entre o feminismo e a violência doméstica, visto que se trata de uma das maiores intervenções do movimento feminista, a luta e a criação de uma conscientização cultural sobre a violência doméstica são uma das pautas mais ressaltadas por esse movimento.

De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos, a violência doméstica é um fato que acontece com as crianças, adolescentes, idosos ou mulheres. Este conceito é construído a partir

de uma crescente no índice de violências causadas pelos próprios familiares. Dentro dessa forma de violência, está imposto as violências físicas, sexuais ou psíquicas (o qual se destrói a moral e auto estima do sujeito). A violência doméstica tem se tornando cada vez mais em números, e, com isso, ela toma os espaços midiáticos, escolares e diversas outras formas de propagar informação.

A autora Bell Hooks defende que o feminismo teve grande importância em ressaltar o problema da violência doméstica, mas inicialmente acusavam que a violência doméstica só acontecia quando se tratava de homem contra as mulheres. Entretanto, com o crescimento do movimento, surgem evidências que as violências domésticas estão acontecendo também entre casais do mesmo sexo, entre mães e pais direcionando diversos tipos de violência aos seus filhos. Sendo assim, Hooks (2019) propõe o termo violência patriarcal para explicar a ideia de que aquele que detém a autoridade dentro de casa pode usar da violência para controlar as pessoas a sua volta, nesse sentido, não somente homens exercem esse tipo de violência, mas também as mulheres contra as crianças, “violência adulta contra criança é norma em nossa sociedade.” (HOOKS, p.110)

Ainda seguindo pela teoria de Hooks, ela ressalta que a forma de tratar a criança com violência é também abusiva, ensinar a criança a resolver questões de cunho violento, é um ato abusivo. Em decorrência disso, a criança vai crescer sendo induzida a fazer o mesmo com suas futuras parceiras ou filhos, se tornando assim, cada vez mais problemático e o sexismo sendo enraizado culturalmente em sociedade. Além disso, se o feminismo é contra qualquer tipo de opressão, é prudente que violentar os filhos não faça parte da cultura feminista.

Em conformidade, surge a necessidade de uma criação baseada em uma educação antissexista, visto que o sexismo é uma base cultural imposta desde o nascimento da criança. Sendo assim, ao pensarmos essas questões, torna-se necessário rever alguns termos utilizados no cotidiano e que necessitam passar por desconstruções para que seja possível educar as crianças de modo que cresçam indivíduos melhores. Vejamos alguns exemplos: “premam suas cabras porque meu bode tá solto” ou “aja como macho, homem não chora”, “engole o choro, pare de chorar como uma menininha”, “homem não leva desaforo pra casa”.

Concomitantemente, essas são algumas frases carregadas de termos violentos e pejorativos que acabam sendo utilizados pelos próprios familiares ou amigos, com referências extremamente machistas. Utilizar esses termos como forma de educar os filhos, é provavelmente a forma de educar indivíduos machistas. A educação para não ser machista deve

ser coerente com o que se faz, se as próprias mães ou pais refletem posicionamentos machistas às crianças, possivelmente também serão, não adianta a mãe lavar os pratos, chamar a irmã e dizer que o filho não pode fazer os serviços de casa, por que é serviço de mulher, afinal, os serviços domésticos são realizados com as mãos e não com as genitálias, por isso é preciso a desconstrução desses estereótipos dentro de casa.

Diante do exposto, é de extrema importância interligar esta discussão ao mito da mulher moderna comentado por Djamila Ribeiro em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro?”. Na década de 1950, as revistas e os comerciais de TV estavam expondo mulheres brancas se glorificando por estarem trabalhando fora, possuindo os melhores eletrodomésticos e ainda possuindo tempo para cuidar da casa, dos filhos e do marido. Se em 1789 as mulheres estavam lutando por direitos trabalhistas, posteriormente, com a revolução capitalista em 1950, as mulheres estavam sendo obrigadas a glorificar por estarem imersas no sistema econômico, mas continuavam sendo exploradas, de forma conectada e tecnológica. Assim, cria-se a ideia de que ser bem sucedida é ter direitos iguais aos homens, mas não é, enquanto as mulheres estiverem trabalhando fora e dentro de casa simultaneamente, elas continuam sendo alvo de opressões dentro do sistema sexista e capitalista. Por outro lado, mulheres imersas nesse ambiente “bem sucedido”, possivelmente irão se importar com as mulheres negras ou de classe baixas, então não será possível considerar nenhuma mulher moderna enquanto houver desigualdades e imposições em papéis sociais. Desse modo, Djamila pondera:

Há aqui uma confusão de atrelar valores democráticos a valores capitalistas. De confundir emancipação e ascensão econômica. Ela trabalha fora, mas quando chega em casa ainda é responsável por cuidar dos filhos e pelos afazeres domésticos. A mentalidade de fato não mudou – os mecanismos de opressão somente se atualizaram (2018, p. 129)

Pode-se afirmar que a representatividade é importante, mas o reconhecimento está para além dela. É importante que mulheres sejam visualizadas em cargos públicos ou em grandes marcas. Djamila ressalta esse fator ao citar o caso das camisetas “girl power” provocando o questionamento se essas marcas ou essas pessoas que estão em cargos importantes, estão fazendo alguma coisa para mudar a realidade das classes mais baixas, se estão empregando mulheres, mães, se de fato existe uma diversidade sendo enxergada dentro de um meio que exclui minorias, ou, se a propagação dessas grandes marcas constitui somente um jogo do sistema capitalista para lucrar.

Diante dos debates e discussões acerca do movimento feminista e suas intersecções, torna-se necessário se opor à cultura da violência como meio de controle social. Para a criação de indivíduos não sexistas, faz-se necessário a construção de ideais contrárias à violência como forma de educação, uma vez que se as crianças crescem em um ambiente violento, possivelmente elas não vão contrariar em algum momento de extrema violência culpabilizando a sua criação. Assim, defende Bell Hooks, “É particularmente vital que pais e mães aprendam a maternagem e paternagem não violentas. Porque nossas crianças não se posicionarão contra violência, se esta for a única maneira que conhecerem para lidar com situações difíceis.” (HOOKS, 2019, p. 101)

A condição de dependência social, psicológica e afetiva da mulher negra: não denuncia porque não quer?

É sabido que a noção e percepção de violência têm se desdobrado em outras perspectivas consideráveis, o que antes era visto como violento apenas numa única esfera, – o ato violento em termos físicos propriamente ditos, hoje é entendido como protagonizado também através de outras ações, a exemplo observamos as condições de violência psicológica, emocional, afetiva, financeira, patrimonial, entre outras. Estes são tipos de violência considerados em graus de impactos específicos, podendo posteriormente atingir o grau mais elevado: o feminicídio. Considerar estas questões não significa dar maior importância e/ou visibilidade a determinados tipos de violência, pelo contrário, aqui está descentralizada a noção que tenta desviar do senso comum a ideia de que apenas um tipo de violência existe e deve ser considerado. Não devem ser considerados como casos isolados, uma vez que determinada violência acaba sendo consequência de outra e a situação vai sendo ramificada.

Existem diversos estudos e questionamentos de pesquisas feitos a partir da pergunta “A Lei Maria da Penha é aplicada devidamente?”. Mesmo com a existência de políticas que visam proteger a integridade da mulher, existe uma amplitude de visão e percepções sobre a efetivação da lei. São vários os fatores que acabam coibindo mulheres de executarem denúncias de violência doméstica, esta sendo uma das mais conhecidas, bem como uma das violências recorrentes. Os fatores que interferem nas relações de violência contra a mulher, gerando certa “passividade” diante do problema, são múltiplos, sendo os principais:

- Medo do agressor
- Dependência financeira em relação ao agressor

- Dependência afetiva
- Não conhecer os seus direitos
- Não ter onde denunciar
- Percepção de que nada acontece com o agressor quando denunciado
- Falta de autoestima (sobretudo mulheres negras)
- Preocupação com a criação dos filhos
- Vergonha de se separar e admitir que foi ou é agredida
- Acreditar que seria a última vez

Por muito tempo os diversos tipos de violência contra a mulher eram considerados como ações passionais, até mesmo o feminicídio passava por esta denominação: crime passional. De acordo com a sociedade, no senso comum, era possível que existissem razões para determinado ato, e que as pessoas que compõem a relação sejam capazes de resolvê-la, até mesmo quando é atingido o grau de agressões a ameaças. Podemos utilizar como exemplo a frase que ainda é bastante reproduzida: em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.

A bandeira do combate “a violência contra a mulher” surge no Brasil, na década de 80, através de ações dos movimentos feministas e de mulheres que denunciavam a impunidade dos crimes que terminavam sem condenação e com a justificativa de que eram cometidos “por amor” ou “em defesa da honra”. Em ambos os aspectos, podemos perceber que a masculinidade estruturada como algo superior e que naturalmente deve estar acima de todas as tomadas de decisões, ações, sustento financeiro, mostra como a questão da paternagem e maternagem como meios de propagação, conforme dito anteriormente, têm grande interferência, uma vez que essa condição de superioridade não é inerente ao indivíduo, mas sim estruturada e passada entre gerações.

A antropóloga Cláudia Fonseca desenvolveu um estudo etnográfico na comunidade Vila do Cachorro Sentado, situada em Porto Alegre entre as décadas de 80 e 90. Trata-se de um estudo que aborda questões de gênero, classe social, violência urbana, entre outros fatores que se tornam importantes para analisarmos como eram repercutidos e como estão sendo atualmente. O livro em questão é intitulado por *família fofoca e honra*, e o capítulo que teve um maior aprofundamento de estudos foi o capítulo 2, denominado “*Aliados e rivais na família*”, o qual aborda principalmente fatores ligados às mulheres como chefe-de-família e o sistema matrifocal.

A autora pontua que o patriarcado tem forte influência no que diz respeito a mulher ter que escolher entre o novo casamento ou a permanência com os filhos. Posto em discussão uma relação maior com a “honra” que o homem tem a prezar, do que o fator econômico propriamente dito. Outra questão a ser pautada é a forma como o dinheiro transmite maior “poder” ao homem – pois este não é suscitado a prestar contas da renda que recebe, mesmo com família introduzida. Com relação a isso, é imprescindivelmente, Cláudia Fonseca destaca:

Em caso de necessidade, as consanguíneas de uma mulher não podem ajudá-la tanto quanto seus consanguíneos, pois, não tendo controle sobre as finanças do próprio lar, não podem agir sem o pleno acordo do marido. Liane, 17 anos, mãe de dois filhos, vendo o marido ficar cada dia mais brutal, resolveu fugir com as crianças. Primeiro, procurou a mãe, mas esta, apesar das atenções dirigidas à filha nos últimos meses (visitas regulares, presentes de roupas velhas, etc.), não pôde acolhê-la. Segundo Liane: "É por causa do marido dela. Ele é malvado. Nunca gostou de mim. Se dependesse dele, a mãe não ia dar nada para nós (Liane e seus irmãos)". Depois, Liane fez apelo a uma irmã casada, sem maior êxito: seu cunhado não via com bons olhos a adição de três bocas pesando no orçamento familiar. Liane voltou então para o seu marido... (2004, p. 37)

Considerando a dificuldade que a mulher enfrenta em escolher entre filhos ou a nova união conjugal, é possível compreender que esta relação se dá também diante de filhos adultos, independente da faixa etária. Liane, como foi citado acima, passava por turbulências com seu companheiro. Ao procurar ajuda com a mãe e a irmã, não obteve resultados positivos e considerou voltar para a casa do marido. O sistema familiar na vila, através da construção social do patriarcado esua estrutura ainda perdurante – pode resultar em casos extremos de feminicídio, tendo conhecimento que estatísticas mostram casos de feminicídio ocorridos devido a inibição da denúncia da vítima. Muitas mulheres acabam ficando com seus companheiros sofrendo qualquer tipo de violência seja física, moral, verbal ou psicológica por questões de sobrevivência. O viés econômico torna-se um dos pontos a serem considerados diante da vulnerabilidade feminina.

A visibilidade do patriarcado no texto é relevante em todos os pontos que são levantados na pesquisa empírica. O fato de a mulher ocupar um espaço no âmbito empregatício com remuneração, chega a “infringir” a honra do homem devido à sustentabilidade da esposa, tendo em vista que a estrutura social denominou o inverso, colocando a mulher na posição secundária do sistema familiar na esfera econômica. Fonseca (2004) afirma que a autoridade masculina chega a atravessar a condição financeira da mulher, deixando nítido “que o emprego remunerado não aumenta o status da mulher dentro de casa. Pelo contrário, essa atividade

mancha a imagem pública do marido e este, envergonhado, arrisca fazer a mulher pagar pela vergonha.” (p. 39)

Na Vila do Cachorro Sentado, a força física masculina pode ser extremamente relevante para a segurança das residências, por ser uma comunidade perigosa a ponto de mulheres que moram sozinhas terem que pagar à rapazes “conhecidos” na comunidade para que não sejam furtadas. Contudo, esta mesma força acaba integrando uma pirâmide estruturada pelo machismo, mediando violências físicas que podem também resultar numa violação psicológica. Fonseca (2004) ressalta que “os músculos de um marido têm, portanto, sua utilidade para assuntos “públicos”, mas essa força protetora se transforma em ameaça quando é empregada para reforçar a autoridade masculina dentro do lar.” (p. 41). A autora explica como a situação de condicionamento de aceitar agressões físicas são naturalizadas nesta comunidade:

A mulher que ameaçava pôr fim ao casamento de 20 anos por causa de um olho roxo, obra de seu marido, foi apaziguada por uma vizinha simpatizante: “Essas coisas acontecem. Já apanhei e meu olho inchou tanto que nem dava para botar óculos, mas depois passa. Não deve largar o companheiro por uma coisa dessas”. Em tal ambiente, um jovem pode brincar com amigos: “Cheguei tarde porque tive que dar um laço na Marisa (sua companheira); e um menino pode mexer com a irmã casada: “Mulher tem que apanhar do marido mesmo. Quanto mais surra, mais ela fica agarrada, não é?” (2004, p. 41)

Diante disso, é possível perceber que os tipos de violência se estendem para diversos âmbitos, podendo ocorrer de diferentes formas tratando-se da cultura. Como este estudo da antropóloga Claudia esteve focado no Brasil, percebemos que esta realidade ainda está presente, e que continua acontecendo estas reproduções estruturantes pelo fato das políticas de proteção à mulher não atenderem de fato à estas e outras demandas.

O universo artístico como ferramenta para a denúncia da violência contra a mulher: o subalterno pode falar?

O universo artístico é muito vasto, disso não temos dúvidas, possuindo em cada um deles suas próprias subjetividades, com expressões singulares, sejam sentimentos de amor, dor ou ódio. A origem da música parece, ainda, ser uma incógnita, antes mesmo do conceito de música ser inventado, os estudiosos dizem que os homens das cavernas já possuíam suas próprias produções musicais, através da observação entre os sons da natureza e as tentativas de imita-los. A palavra música é de origem grega *musiké téchne* que significa a arte das musas, no entanto, alguns estudiosos defendem que os egípcios há mais de 4.000 anos já possuíam a

prática de utilizar as músicas em suas cerimônias religiosas, então já se faziam usos de alguns instrumentos como percussão, flautas e o canto.

A música assim como a evolução humana teve os seus períodos e sua evolução perpassando a Idade Média: com a igreja impondo as regras para a construção das músicas, entre elas estavam os cantos gregorianos e monofônicos. Seguido da música renascentista (século XVI): começa então uma onda de músicas mais universais e distantes da igreja, chegando a ser consideradas pela própria igreja como músicas profanas, finalizando com as músicas Barrocas no século XVII, possuindo mais técnicas e melodias.

Até o século XX, considerado o século do avanço tecnológico e da modernização, esse constitui-se como o momento mais elevado para as expressões artísticas, elevando a música a ser a arte mais consumida por diversas culturas, raças e classes. A música entre os povos escravizados sempre foi um motivo de resistência, alguns estudiosos mostram que em África são raros os momentos em que a música não está imersa, sendo assim, como nosso país foi criado em cima de sangue de africanos escravizados, é muito provável que os primeiros vestígios de músicas no Brasil, tenham sido músicas Africanas. Afinal, o subalterno pode falar? A música foi e ainda é um objeto de libertação para os povos afrodescendentes, inclusive na música “Flor e Espinho” Maria Betânia declama brilhantemente um trecho do escritor africano Mia Couto:

A música é a língua materna de Deus. Aliás foi isso que nem católicos nem protestantes entenderam, que em África os deuses dançam. E todos cometeram o mesmo erro: proibiram os tambores. Na verdade, se não nos deixassem tocar os batuques, nós, os pretos, fariamos do corpo um tambor. Ou mais grave ainda, percutiríamos com os pés sobre a superfície da terra e assim abrir-se iriam brechas no mundo inteiro.

Nesse sentido, atualmente podemos perceber que principalmente as mulheres afro diaspóricas compõe canções que denunciam a opressão e silenciamento marcado por uma sociedade patriarcal que desde sempre apaga e submete as mulheres a uma posição sem voz dentro da sociedade. A imersão da mulher no universo artístico assim como todas as outras áreas, não foram fáceis, as mulheres, sobretudo as que faziam parte da música popular brasileira só começaram a ter reconhecimentos em 1920.

A cantora Chiquinha Gonzaga (1847-1935) foi uma das primeiras mulheres a interagir no meio artístico, sobretudo na música popular brasileira, mesmo com muito sucesso e talento, Chiquinha carregou o peso de ser uma mulher no meio artístico em meio a uma sociedade marcada pelo patriarcalismo. Em 2001, em uma reportagem que traz o resultado de uma enquete

elaborada pelo caderno “Ilustrada” da Folha de São Paulo, com a terminologia referente às músicas mais apreciadas da MPB, o repórter entrevista Rita Lee com a seguinte análise:

Não sobrou muito para a ala feminina de compositores na enquete das músicas mais apreciadas da MPB. Rita Lee comparece isolada na 11ª posição (empatada com o bamba do samba Cartola) entre os autores mais lembrados. Bem atrás (no tempo e na lista), Chiquinha Gonzaga e Dolores Duran empatam, com apenas quatro votos cada. Maysa, precursora da presença feminina na MPB moderna com Dolores, foi esquecida. Seria machismo ou sinal de que as mulheres são mesmo menos ativas como autoras de canção popular? (SANCHES, 2001).

Rita Lee responde:

As mulheres são quantitativamente menos presentes em muitas áreas. Começamos a botar nossas asinhas de fora recentemente, enquanto o patriarcado existe há séculos [...] Chiquinha Gonzaga era do tempo em que os varões diziam: “Música é coisa para homem”. Dolores Duran era do tempo em que os caras falavam: “Mulher compositora é puta”. Eu sou do tempo em que o clube do Bolinha dizia: “Para fazer rock tem que ter culhão”. Cássia Eller é do tempo em que dizem: “Precisa ser mulher macho para fazer música igual a homem”. Minha neta será do tempo em que vão dizer: “Só mesmo uma mulher para fazer música tão boa”. (LEE *apud* SANCHES, 2001)

Com isso, podemos depreender que há uma evolução desde o surgimento da primeira mulher a compor música até os dias atuais. No entanto, não somente esse tipo de produto cultural é disseminado, mas também o inverso, no qual as mulheres são também protagonistas das músicas produzidas por uma sociedade patriarcal com a construção de diversas formas de apologia e o escancaramento da violência de gênero.

O patriarcalismo está inserido em nossa sociedade há muito tempo, e com ele é construído a imagem de que as mulheres são frágeis e submissas, o “patriarcalismo se estende, de maneira naturalizada, a outros aspectos da vida social que legitimam o homem como o "macho" detentor do poder e da força.” (BISPO, PEREIRA, SGANZERLLA, 2019, p. 338). É com essa naturalização de uma sociedade patriarcal que consiste em formar indivíduos em um contexto social estruturado por uma sociedade machista fazendo com que os indivíduos criados nessa cultura sexista, reflitam em suas construções culturais preconceitos e estereótipos historicamente construídos que deturpam a imagem da mulher.

As músicas são produções históricas e culturais que perduram por longos anos no mundo, entretanto, além de músicas que deturpam a imagem feminina como dito acima, surgem, também, músicas que constroem denúncias e reivindicações das próprias mulheres. Como por exemplo, a cantora Mc Carol que é uma mulher negra diaspórica e surge com ideais feministas em suas músicas, no início de uma das suas músicas Carol denuncia a violência

sofrida por sua mãe devido ao modo subalterno que era obrigada a submeter-se, a partir disso, a cantora constrói uma música que exalta a sua força feminista.

Presenciei tudo isso dentro da minha família, mulher com olho roxo, espancada todo dia, eu tinha uns cinco anos, mas já entendia, que mulher apanha se não fizer comida. Mulher oprimida, sem voz, obediente, quando eu crescer, eu vou ser diferente (MC CAROL, 100% feminista)

Existem diversas cantoras e bandas que utilizam do mundo artístico para denunciar e reivindicar os direitos das mulheres e a lutar pela libertação dessa sociedade construída em um modelo patriarcal e sexista. Como por exemplo, as músicas de Doralyce, onde ela constrói um movimento completo de luta por igualdade e direitos, um dos bordões mais utilizado pela cantora é dizer que vai se expressar “até o patriarcado cair”. Dito isto, podemos perceber uma evolução e que essa construção de músicas vai além de uma construção de melodias e letras, elas também denunciam e constroem um movimento de resistência e denúncia contra diversos tipos de opressão. Elza Soares é, com certeza, uma das representações que todas essas mulheres tiveram para inspiração e construções de suas músicas,

Elza é uma artista singular, periférica e com raízes negras diaspóricas que em suas músicas sempre esteve elucidando os problemas sociais e raciais vivenciados. A música salvou Elza Soares e salva diversas mulheres, Maria de vila Matilde é uma afronta à sociedade patriarcal, construindo a imagem da mulher como um sujeito e não mais como um objeto do outro. Hoje, as mulheres deixam de ser objeto de pesquisas do outro, para se tornarem o próprio sujeito pesquisador, como diz Grada Kilomba, escrever é um ato político, a partir do momento que ganhamos voz através da arte, estamos reivindicando nossos direitos e vozes antes silenciadas, nos tornando sujeito da nossa própria história.

Considerações finais

O protagonismo da origem do feminismo na perspectiva ocidental, mostra como as relações de gênero são embasadas dentro de um sistema hierárquico. Sueli Carneiro, ao ressaltar a importância de analisar questões de gênero em conjunto com fatores raciais, tenta mostrar a importância dos debates interseccionais. Entender que mulheres carregam demandas específicas e necessidades urgentes, é essencial para que a pluralidade de trajetórias dos grupos em posição de subalternidade seja considerada.

É impossível que os debates de gênero permaneçam focados no objetivo principal que levou o feminismo a consolidar-se na França. A necessidade das mulheres em alcançar

igualdade nos espaços socioeconômicos, perpassa o condicionamento limitado aos direitos civis. Entendendo que o movimento feminista surge com o intuito de alcançar reformulações civilizatórias, o feminismo negro busca atender outras urgências, sobretudo pelo fato de mulheres negras sentirem as consequências que refletem a escravidão. Mulheres negras são protagonistas dos dados estatísticos sobre dependência social, financeira, afetiva e psicológica.

Os debates sobre os tipos de violência ganharam outros rumos com a Lei Maria da Penha sancionada em 2006, sendo considerado atos violentos somente quando envolvia a força física e brutal, atualmente, outras vertentes são vistas como pontapé inicial para o caso extremo: o feminicídio. A experiência de Elza Soares em ter sido agredida por seu próprio companheiro, posteriormente dando vida a uma de suas canções mais conhecidas – *Maria da Vila Matilde*, surge como um alerta para que sua experiência não venha a ser experienciada por outras mulheres, pelo menos não em grau elevado. Outras necessidades na época, fizeram com que Elza não denunciasse seu agressor, contudo, em uma das entrevistas concedidas pela artista, a mesma revela o arrependimento de tal decisão, e é dentro dessa perspectiva que sua arte busca potencializar vozes silenciadas, reforçando a importância de que mulheres conheçam seus direitos e se posicionem.

Além disso, é essencial ressaltar que um dos vários motivos que levam mulheres a permanecerem em situação violenta e abusiva em silêncio, está na atuação das políticas que asseguram seus direitos. Um dos fatores está em torno do medo do seu agressor retornar agindo de forma ainda mais agressiva, de efetuar a denúncia e não ter resultado algum, de desvincular-se de seu agressor e não ter o acolhimento necessário tanto social quanto familiar, entre outros casos. São múltiplas as razões pelas quais a vítima recua e permanece numa posição de desconforto para manter um conforto secundário e inconsciente. Grande parte das mulheres que ocupam as estatísticas de violência de gênero e feminicídio, compõem posições de vulnerabilidade socioeconômica, cabendo, portanto, a atuação efetiva de órgãos públicos no que diz respeito a efetivação das políticas tal como aparecem descritas na legislação, para que as vítimas se sintam seguras em dar voz aos problemas estruturais condicionados pelo machismo.

Referências bibliográficas

BISPO, Luciana S.; SGANZERLLA, Evelin S.; PEREIRA, Maria G. *Sociedade, gênero e violência: percepções juvenis acerca das representações femininas, de perpetuação da cultura machista e de violência contra a mulher presentes em diferentes gêneros musicais*. *Anais do VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, v. 6, 2019. | p.333-347.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*, Editora da Universidade Estadual, 2009.

CARNEIRO, Sueli. “*Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos*”. Rio de Janeiro: Takano editora, v. 49, p. 49-58, 2003a.

_____. “*Mulheres em movimento*”. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 17 fev. 2021.

COSTA, Ana A. A.; SARDENBERG, C. M. (orgs.). *O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, p. 13-407, 2008. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/feminismovinteanos.pdf> acesso: 18/02/2021.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Bhuvi Libânio. – 6º ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Ed.:1 – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.